

Célia Regina Mattoso de Oliveira

**EMIACIDADE: DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA E CIDADANIA
CULTURAL**

**CELACC/ECA-USP
2009**

Célia Regina Mattoso de Oliveira

**EMIACIDADE: DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA E CIDADANIA
CULTURAL**

Trabalho de conclusão do curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação da Profa. Ms. Fabiana Felix do Amaral e Silva

**CELACC/ECA-USP
2009**

EMIACIDADE: DESCENTRALIZAÇÃO DA CULTURA E CIDADANIA CULTURAL

Célia Regina Mattoso de Oliveira¹

RESUMO:

Este artigo abordou a análise e discussão do projeto de descentralização da cultura Emiacidade (desdobramento da EMIA, Escola Municipal de Iniciação Artística) como parte da política cultural da Prefeitura Municipal de Santo André, localizada no Grande ABC, São Paulo, durante o governo do Partido dos Trabalhadores no período de 2005 a 2008. Este projeto teve como proposta a implementação de um processo participativo de gestão da cultura, com o envolvimento da comunidade e dos artistas educadores. Envolve a discussão do conceito de cultura, sua dinâmica e transformações, sua condição de centralidade para o entendimento das relações humanas, da cidadania, além da relação Estado-Cultura na apropriação da produção cultural.

Palavras-chave: cultura, cidadania, política, iniciação artística e descentralização

Resumen

Este artículo análisis y discusión de la descentralización propuesta de EMIACIDADE (desdoblamiento de la EMIA, Escuela Municipal de Iniciación Artística) la cultura como parte de la política cultural de la ciudad de Santo André, ubicada en el Grande ABC, São Paulo, durante la administración del Partido dos Trabalhadores desde 2005 hasta 2008. Este proyecto se propone aplicar una cultura de gestión participativa, con la participación de la comunidad de artistas y educadores. Se trata de un debate sobre el concepto de cultura, de su dinámica y las transformaciones, su condición de centrales para la comprensión de las relaciones humanas, la ciudadanía, y la relación entre el Estado y la cultura en la apropiación de la producción cultural

Palabras clave: cultura, ciudadanía, política, iniciación artística y la descentralización

Abstract

This article analyzes and discusses how the proposed decentralization of culture Emiacidade (unfolding EMIA Municipal School of Artistic Initiation) as part of the cultural policy of the City of Santo André located in Grande ABC, São Paulo, during the administration of the Partido dos Trabalhadores from 2005 to 2008. This project was proposed to implement a democratic management of policy culture, with the involvement of the community and educators. It involves a discussion of the concept of culture, its dynamics and transformations, its question as central to the understanding of human relations, citizenship, and the relationship between State and Culture in the appropriation of cultural production.

Keywords: culture, citizenship, political, artistic education and decentralization

¹ Graduada em Ciências Sociais e História. Pós-graduada em Psicopedagogia, educadora musical e autora do livro *Todo Tom*. Supervisora da área de música do Projeto Emiacidade 2005/2008. Trabalho orientado pela Profa. Ms. Fabiana Felix do Amaral e Silva.

INTRODUÇÃO

Este artigo teve por objetivo analisar as questões da cidadania cultural e direito à cultura, suas condições de produção e difusão a partir da produção dos alunos da área de música do projeto Emiacidade (descentralização da cultura levado para os CESAS, Centros Educacionais de Santo André, com base nas idéias sobre o processo de iniciação artística da EMIA - Escola Municipal de Iniciação Artística). Foram realizados relatos sobre a memória de infância; sobre a origem dos alunos; depoimentos revelando anseios e coisas do cotidiano além de pesquisa de observação participante, durante o segundo governo petista na cidade de Santo André, no período de 2005 a 2008. Os textos foram extraídos dos Diários de Bordo (cadernos de registro de impressões dos alunos sobre sua experiência durante a sua participação no projeto).

O Projeto Emiacidade, é um desdobramento da EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística da Prefeitura Municipal de Santo André). Seu projeto político pedagógico (2006) é bastante ousado, define sua missão como a intenção de iniciar o aluno nas diferentes linguagens artísticas, com base filosófica humanista, com pretensões de formar um cidadão criativo, ético, autônomo, participante, estético, solidário, democrático e transformador. Criar um espaço democrático, participativo, para ser preenchido pela utopia daqueles que desejam transformar a realidade das coisas; tornar as pessoas melhores e a sociedade mais justa. Centrado no aluno, considerando seu contexto real, favorecendo a criação de atividades de estudo e reflexão para os artistas educadores, com o envolvimento do artista e sua experiência.

O projeto movimentou a cidade de Santo André, com a participação de mais de 900 pessoas por ano no período 2005/2006 e mais de 500 em 2007/2008, envolvendo oficinas culturais de artes-plásticas, dança, teatro e música. As oficinas de música foram as mais procuradas, representando mais de cinquenta por cento dos alunos, sobre as quais se fez o recorte da amostra estudada, pois houve o registro do trabalho dos alunos durante um período de quatro anos. Assim, pretendeu-se mostrar como a produção artística dos participantes revela um novo sujeito cultural, capaz de se reconhecer na sua produção cultural, o resgate de valores fora da economia de mercado, e ainda encontrar novas formas de solidariedade e de relacionamentos.

RELAÇÃO ESTADO-CULTURA

A EMIA – Escola Municipal de Iniciação Artística de Santo André, criada em 1990,

na Gestão do Prefeito Celso Daniel e do Secretário de Cultura Celso Frateschi foi instalada no Parque Regional da Criança – Palhaço Estremelique, no Bairro Jaçatuba e, foi fruto de um projeto político cultural que seus idealizadores denominaram como “socialista”, buscando a partir da democracia uma sociedade onde o ser humano pudesse se realizar na sua plenitude como cidadão. A proposta era desvincular o patrimônio cultural das leis de mercado (FRATESCHI E MOREIRA, 1993).

Frateschi (1993) referia-se à ausência de um programa cultural para a cidade, pois as bibliotecas encontravam-se abandonadas, centros comunitários privatizados, teatros desaparelhados, nenhum programa para as linguagens artísticas. Constatando esta realidade se propôs a criar mecanismos para desenvolver práticas coletivas, e reconstruir o sentido da cidadania.

Partindo dessas premissas é importante traçar um panorama das políticas culturais e do entendimento do conceito de cultura para compreender-se o contexto histórico; portanto, como se dão as relações de poder e o confronto de interesses dentro da sociedade bem como a relação Estado-Cultura.

Botelho (2007) faz uma abordagem de três momentos que considera importantes na análise da história das políticas culturais do Brasil: 1930, 1970 e 2000. Entende, também, que a linha de continuidade desses momentos se faz através de pressupostos conceituais importantes que contribuiriam para a relevância das políticas implementadas em cada uma dessas épocas; se trata principalmente do conceito de cultura, que não deve se restringir às belas artes, mas da incorporação da dimensão antropológica da cultura, considerando os modos de viver, pensar e fruir, bem como as manifestações simbólicas e materiais (BOTELHO, 2007).

No Brasil, durante os anos 1930, no período Vargas, novas instituições foram criadas com o objetivo de preservar, documentar, difundir e produzir bens culturais, ficando o governo federal como o principal responsável pelo setor. Depois dos anos 1930 se esboçou uma mentalidade mais democrática a respeito da cultura, que começou a ser vista como direito de todos, em contraposição a visão aristocrática que predominava no Brasil. Para a visão tradicional, as *“formas elevadas de cultura erudita eram destinadas apenas às elites, como equipamento (que se transformava em direito) para a missão que lhes competia, em lugar do povo e em seu nome”* (CANDIDO apud BOTELHO, 2007: p.2 e 3).

Nos anos 1970, Botelho (2007), destaca a importância das idéias de Mario de Andrade (1893-1945) que pensava o acesso à cultura, olhando o país como um todo,

considerando arte tudo o que o ser humano elabora e produz, nos planos simbólico e material, Mario de Andrade entre outras coisas, buscou romper as dicotomias: erudito/popular e nacional/estrangeiro. Aloísio Magalhães adotou essa concepção como baliza de sua política, exigindo uma articulação para congregar outros setores da gestão pública, pois deve ser assumido como um pressuposto geral de governo e não exclusividade do setor de cultura (BOTELHO, 2007).

Botelho (2007) cita Aloísio Magalhães e a maneira como articulou a criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC – em 1975 (composto por pessoas de formação diversa: físicos, matemáticos, arquitetos), para levantar questões referentes, não só ao processo de desenvolvimento econômico, como também à preservação de valores da nossa formação cultural.

A partir de 2000, no governo Fernando Henrique Cardoso, o mercado assume o papel do Estado.

O Ministério recupera a presença no debate público e é marcado por pesados investimentos nas leis de incentivo fiscal, por outro lado caracteriza-se por um esvaziamento no papel nacional e político das instituições do Ministério da Cultura e pela repetição mecânica dos pressupostos de uma política cultural democrática (BOTELHO, 2007: p15 e 16).

Botelho (2007) ainda ressalta a questão das identidades como produtos de formação histórica, realidade dinâmica, sempre em transformação, o que faz produtiva a relação entre memória e criação, pois os problemas enfrentados pela sociedade mudam com as conjunturas e exigem respostas originais. Além disso, a cultura não é apenas um bem coletivo, uma tradição a preservar, é uma produção coletiva, é a constante incorporação do novo. Assim, todo patrimônio cultural produzido pela humanidade, do qual extraímos nossas escolhas e que nos permite o desenvolvimento da vida cultural e o exercício contínuo de criação é objeto de atenção (BOTELHO, 2007).

A partir de 2003, houve uma reorganização do papel do Estado na área cultural. Grande investimento no sentido de recuperação do orçamento e discussões de mecanismos que possibilitassem uma melhor distribuição de seus poucos recursos do ponto de vista do equilíbrio regional. Gilberto Gil, como Ministro da Cultura, investe na recuperação de um conceito abrangente de cultura, considera fundamental a sua articulação com a cidadania, chama, também, a atenção para o seu peso em termos da economia global do país, o que vem influenciando positivamente políticas culturais regionais e municipais. Gilberto Gil também afirma: “*Foi Mario (de Andrade), com*

suas fantasias, que nos libertou do nosso complexo de inferioridade simbólica. Grande abridor de trilhas” (apud BOTELHO, 2007: p.16).

De acordo com as Diretrizes do Ministério da Cultura, atualmente há uma conceituação ampla da cultura, considerando-a em sua dimensão antropológica, como a dimensão simbólica da existência social brasileira, como o conjunto dinâmico de todos os atos criativos de nosso povo, aquilo que, em cada objeto que um brasileiro produz, transcende o aspecto meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de cada comunidade e de toda a nação, como eixo construtor de identidades e espaço de realização de cidadania (BOTELHO, 2007).

O CONCEITO DE CULTURA

O conceito de cultura, aqui adotado, como espaço de conflitos, em função da distribuição desigual de recursos ou capital (econômico, cultural ou simbólico); assim, têm-se práticas culturais distintas, como ações reativas diferentes em função das posições ocupadas nos campos de interação (THOMPSON, 2000).

Os fenômenos culturais “*podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas*” (THOMPSON, 2000: p.166); formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada (estabelecem relações entre si). Observa-se que ele coloca a cultura como questão central para entender a dimensão humana; a cultura está no cotidiano, no processo de fazer sentido ser um *continuum* de vida. Propõe, ainda, um estudo das formas simbólicas contextualizadas e como são utilizadas para estabelecer e manter as relações de poder.

O autor mostra um panorama da trajetória do poder em busca de recursos, (com base na experiência da classe operária inglesa - considera experiência de classe, o resultado de experiências comuns, identidade, interesses e a consciência de classe, a forma como são tratadas as experiências), através de um processo dinâmico de interação da reprodução simbólica dos contextos sociais, que são expressos nas formas simbólicas. Isto está expresso sempre cotidianamente, na experiência da vida cotidiana, na forma de falar, na arte.

Considerando o contexto histórico, outro conceito profundamente ligado ao conceito de cultura, é o de identidade. Santos (1985) defende que atualmente as discussões sobre cultura expressam projetos de nação em Estados derivados da

colonização européia e servem de referência no processo de constituição de nações modernas. Sobre esta mesma questão, Ortiz acrescenta que o problema da cultura brasileira é político. “*A questão da identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e pela própria construção do Estado Brasileiro*” (ORTIZ, 2006, p.8).

Os efeitos da globalização também provocaram profundas mudanças não só na economia, mas também na vida cotidiana. Bauman (1999) aborda o tema de uma maneira muito polêmica, mostrando como essas mudanças afetaram as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações interpessoais. A globalização leva as economias para a produção do efêmero e do precário e as indústrias funcionam para a produção de atrações e tentações através da sedução. A norma para os membros da sociedade pós-moderna é a capacidade e vontade de consumir. No entanto, nem todos podem ser consumidores, nessa sociedade, pobres (vagabundos) e ricos (turistas) habitam a mesma cultura, e com a pobreza agravada pelo crescimento econômico desigual e pela recessão, provoca um abismo entre o desejado e o real. Assim o “vagabundo” é o pesadelo do “turista” e paradoxalmente a vida do turista é tanto mais agradável e suportável por ser assombrada pela existência de um “vagabundo”.

Arendt (2005) afirma que a principal diferença entre a sociedade e a sociedade de massas está no fato em que

...a sociedade sentia necessidade de cultura, valorizava e desvalorizava objetos culturais ao transformá-los em mercadorias e usava e abusava deles em proveito de seus fins mesquinhos, porém não os consumia. Mesmo em suas formas mais gastas esses objetos permaneciam sendo objetos e retinham certo caráter objetivo; desintegravam-se até se parecerem a montão de pedregulhos, mas não desapareciam. A sociedade de massas, ao contrário, não precisa de cultura, mas de diversão, e os produtos oferecidos pela indústria de diversões são, com efeito, consumidos pela sociedade exatamente como quaisquer outros bens de consumo (2005: p.257).

Outro aspecto a ser considerado é o papel da sociedade civil e dos intelectuais na organização da cultura; Gramsci, referência importante para os estudos de cultura por vincular seus problemas com a totalidade social (são ao mesmo tempo expressão e momentos constitutivos), entendia que, numa formação social de tipo ocidental, a organização da cultura já não é algo diretamente subordinado ao Estado, mas resultado da própria trama complexa e pluralista da sociedade civil (onde se desenvolvem as subjetividades dos trabalhadores e onde experimentam novas formas de produção social). A organização da cultura, em resumo, é o sistema das instituições da sociedade

civil cuja função dominante é a de concretizar o papel da cultura na reprodução ou na transformação da sociedade como um todo. Com a emergência da sociedade civil e de sua organização cultural, os intelectuais ligam-se predominantemente às suas classes de origem ou adoção – e, por meio delas, à sociedade como um todo – através da mediação representada pelos aparelhos privados de hegemonia (COUTINHO, 2005).

No Brasil, o germe do desenvolvimento de uma sociedade civil surge com o início das lutas operárias nos anos 20. Em 1945 há um fortalecimento desses embriões com a redemocratização do país, embora os sindicatos operários estivessem ainda atrelados ao Ministério do Trabalho. O fato de que os pressupostos da formação econômico-social brasileira estivessem situados no exterior teve uma importante consequência para a questão cultural. A penetração da cultura européia não encontrou obstáculos, pois imitar para nós significava integrar, representando a incorporação à cultura ocidental da qual éramos um ramo em crescimento (CANDIDO apud COUTINHO, 2005, p. 45).

Complementando com Gramsci, a política é um momento definido da cultura; mas como as transformações históricas partem da iniciativa política, esta só se realiza plenamente na luta por uma nova cultura (FEIJÓ, 1983). O conceito de nacional-popular de Gramsci mostra sua preocupação com uma criação cultural que possa refletir e transformar uma realidade a partir da própria prática político-cultural, na medida em que ele não dissocia a política da cultura como também não procura fazer da última um instrumento da primeira. Da luta por uma nova cultura faz parte a luta pela inserção do intelectual na vida de seu povo (e vice-versa). A cultura nacional-popular deve surgir desse processo sendo, portanto, a capacidade dos produtores culturais – ao participarem das transformações históricas – em se apropriar dos valores mais profundos criados pela humanidade e recriá-los, ampliá-los, de acordo com a perspectiva nacional-popular entendendo-se o nacional como não dissociado do popular e vice-versa (GRAMSCI, 1968).

É importante ressaltar que Gramsci não confunde o nacional-popular com nacionalismo nem com populismo e sim como ponto de partida para as discussões de uma política cultural transformadora, democrática e popular.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada com base na metodologia dialética, considerando-se o

diálogo, os conflitos, a transitoriedade dos fenômenos, na tentativa de abarcar as diferenças em sua unidade e contradições, ou seja, o conceito de historicidade está presente, considerando-se o imprevisível, as mudanças como manifestação possível do real. Conforme Ferreira (2006) os fenômenos não podem ser compreendidos isoladamente, há a necessidade da conscientização da totalidade presente na nossa práxis e de sua historicidade.

A atividade de campo foi realizada durante os quatro anos do projeto como observador participante, considerando que as relações são dinâmicas, contraditórias. Foram realizados depoimentos, narrativas orais e escritas, vídeos, entrevistas livres, além de pesquisa documental. Houve valorização dos aspectos qualitativos. Assim, não se trata de uma interpretação da realidade, mas sim uma reflexão sobre ela.

O material recolhido dos alunos (em média 100 alunos) registrado em diários de bordo, publicados em dois livretos reproduzidos em xérox, revelou a grande capacidade cognitiva e entendimento de sua realidade. Na medida em que escrevem para registrar seus depoimentos, transparece uma reflexão sobre sua própria identidade. Embora muitas vezes os depoimentos sejam impregnados de uma visão midiática, hegemônica e concepções de mundo herdadas do passado, tudo se mistura com elementos modernizantes, com sua sabedoria, experiências e valores.

O número de alunos que desejou deixar o registro das memórias foi significativo e nota-se o comprometimento e envolvimento com o projeto. Um estudo mais aprofundado sobre esta produção estabelecendo outras relações, provavelmente contribua na superação do conceito de cultura popular diante da complexidade de seu universo.

Os espaços que receberam o Projeto Emiacidade:

A tabela 1 mostra a distribuição dos participantes por unidade e por ano (período de 2005 a 2008).

CESAS	OFICINAS	ANO/ALUNOS			
		2005	2006	2007	2008
Cesa Vila Floresta	Violão, canto coral, rap	10	18	33	40
Cesa Cata Preta	Percussão, canto coral, rap	30	14	10	-
Cesa Jardim Santo André	Percussão, rap	-	-	-	30
Cesa Vila Humaitá	Canto coral		25	10	30
Cesa Vila Linda	Canto coral, flauta-doce, violão e percussão	75	70	45	60
Cesa Parque Novo Oratório	Violão, rap	15	33	10	20
Cesa Jardim Santo Alberto	Canto coral	30	45	15	40
Cesa Parque Erasmo	Violão	-	6	12	20
Cesa Vila Palmares	Canto coral	-	5	-	-
Cesa Vila Sá	Canto coral, percussão	-	12	43	40
Iria Aron Feldman	Canto coral, violão, lutheria	60	-	-	-
Emia Pignatari	Canto coral, violão, flauta doce percussão	75	35	-	-
Paranapiacaba	Lutheria, percussão	-	30	15	-
TOTAIS		295	293	193	280

QUADRO No. 1 – Distribuição das Oficinas por CESA nos anos 2005, 2006, 2007 e 2008

A EMIA

A EMIA foi concebida como um espaço de produção e fruição da arte, através de oficinas de criação, de apresentação de espetáculos e exposições abertas à comunidade, completando-se para o desenvolvimento da expressão artística (PPP – 2006).

Esse projeto está inserido num contexto mais amplo de uma Política Cultural, desenvolvida na cidade de Santo André, cuja proposta era o rompimento de tradições com relação às políticas de cultura que até então vinham sendo aplicadas. *“Pautamos a nossa ação em três pontos básicos: inversão de prioridades; apropriação dos espaços públicos pela população; o inequívoco incremento ao exercício pleno da cidadania”*. (FRATESCHI, 1993: p. 64).

“O espaço não era exatamente da Prefeitura: era de uma Sociedade Amigos de Bairro e a população ao redor era basicamente de ferrenhos eleitores e cabos eleitorais da oposição... eles achavam que o espaço havia sido invadido pela Prefeitura, ‘pelos comunistas do PT’, e trabalhavam bastante contra. Quando cheguei o outro agente cultural já tinha tido um trabalho enorme. Então peguei a coisa mais amena... mas ainda tinha esses embates políticos... É claro que tinha que passar por cima de coisas: antes da Prefeitura usar o espaço para desenvolver culturalmente a região, existia tráfico de drogas no local, e a Sociedade Amigos de Bairro não tinha poder para

afastar isso” (depoimento do agente cultural na época). Este depoimento ilustra um pouco o clima de resistência encontrado no início da implantação da política pública de cultura.

As duas unidades: EMIA Aron Feldman e EMIA Chácara Pignatari atendiam aproximadamente 900 alunos em espaços adequadamente equipados e mantidos pela Prefeitura. As oficinas com duração de nove meses, prioritariamente, para crianças a partir de sete anos de idade e adolescentes; sendo destinadas aos adultos, em média 25% das vagas. A orientação dos alunos era desenvolvida por artistas-educadores, dos quais é exigida a atuação em suas linguagens de expressão com experiência educacional; a seleção é feita com base na filosofia da escola (PPP – 2006).

Para atingir esses objetivos, a EMIA buscou incrementar suas apresentações em outros espaços públicos da cidade e fora de seus limites, bem como o intercâmbio de experiências com profissionais atuantes na área do ensino da arte, especialmente na região do ABC, garantindo assim uma relação permanente de troca entre a escola e a comunidade. Em 2005, a experiência da EMIA foi levada para os CESAS (Centros Educacionais de Santo André) e para a Vila de Paranapiacaba, espaços onde as comunidades dos bairros mais afastados, poderiam ter a oportunidade de desfrutar desse trabalho.

A idéia do projeto foi desenvolvida por uma equipe de artistas experientes no campo das artes e do ensino, comprometidos com o trabalho artístico e com suas idéias. Em razão da manutenção do projeto pelo poder público, havia muitas limitações com relação à implantação e difusão dessas idéias, pois sofria limitações de verba ficando sujeito à burocracia e às mudanças periódicas de poder.

As atividades de descentralização de cultura surgiram a partir das reuniões do orçamento participativo da cidade. Na época o Departamento de Cultura já ocupava os Cesas com oficinas de linguagens artísticas e em 2004 mais de 2000 pessoas eram beneficiadas com essas atividades, incluindo alunos das Emeifs, usuários de bibliotecas ramais e da comunidade. A articulação desses cursos surgiu a partir de demandas localizadas e se estruturaram a partir do trabalho dos coordenadores das linguagens artísticas de dança, música e teatro. Foram incluídas oficinas aos alunos das Emeifs localizadas nos Cesas em conjunto com a Secretaria de Educação, identificando-as como Ação Complementar.

As oficinas oferecidas pela Ação Complementar (Secretaria de Educação), não tinham nenhuma orientação para o desenvolvimento das linguagens artísticas, ficando

na dependência do artista educador, que nem sempre tinha a formação necessária, tanto pedagógica, quanto artística, para conduzir a oficina. Também, com relação à cultura, o ensino das artes era apenas alguma coisa a mais a ser oferecida para a população que já havia incorporado as oficinas de anos anteriores. Não havia um pensamento crítico com relação ao que acontecia nas oficinas culturais.

Chauí (2006) analisa com clareza em sua experiência como Secretária da Cultura na cidade de São Paulo, a dificuldade dos dirigentes petistas em relação à cultura, deixando de lado a dimensão crítica e reflexiva do pensamento e das artes, simplesmente aderindo à concepção instrumental de cultura, própria da sociedade capitalista. Concebida sob três aspectos: saber de especialistas (como algo que alguns fazem enquanto os demais a recebem passivamente – ou seja: uns mandam, os outros obedecem); como campo das belas-artes (algo próprio dos talentosos, cultura como espetáculo, também passivamente recebido, tornando-se lazer e entretenimento); como instrumento de agitação política (o saber e artes devem produzir “mensagens” para atrair e persuadir a consciência das massas).

Anteriormente o Projeto era subordinado ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Santo André, atuando nas EMIAS (eram duas unidades, sendo que no decorrer do projeto uma foi desativada e a outra nos últimos dois anos foi fechada para reforma do prédio), que eram espaços pensados para a prática artística e nos CESAS (Centros Educacionais de Santo André, constituídos por um conjunto de instalações integradas, compreendendo a EMEIEF (Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental), Creche e Centro Comunitário).

No final de 2006 as EMIAS foram fechadas para reforma com a promessa de serem reativadas em agosto de 2007, como não houve nenhuma providência por parte da Prefeitura para fazer a reforma e os prédios foram depredados, a população iniciou um movimento chamado “Abraça a Emia” (abraço simbólico em torno da casa) realizando um evento no Parque com a participação de mais de 500 pessoas, além de artistas da região e um abaixo assinado com mais de 5.000 assinaturas, que contribuiu para o andamento do processo de reforma e reabertura.

CESAS

Os CESAS são espaços de convivência que visam atender à comunidade local, nos quais são desenvolvidas programações educativas e socioculturais que fazem parte de uma política pública afirmativa.

Os CESAS acolhem atividades multiuso, oriundas de diversas secretarias (Lazer, Esportes, Educação) e gerenciadas pela Secretaria da Educação. Em decorrência deste fato o projeto Emiacidade, sofreu alguns problemas como: interferências e competição de oficinas realizadas pelas outras secretarias às vezes com as mesmas atividades, com orientação diferente ou sem orientação; com espaço físico e de condições materiais diversas na adequação das atividades nos espaços multiuso. Também, o segundo governo petista estava no seu segundo mandato e os ideais do Plano de Cultura já estavam esquecidos. Tudo dependia muito mais da boa vontade de algumas pessoas do que de um projeto político ou de desenvolvimento da cidadania por parte do governo municipal. Mesmo assim, o projeto Emiacidade teve uma importância cultural para a cidade, sendo levado pelos artistas e coordenadores, comprometidos com suas idéias e dispostos a concretizá-las.

Um projeto de arte envolve algo a ser transformado, algo a ser acrescentado na vida do cidadão, e também na de todos os que dele participam. Observou-se que os profissionais envolvidos tinham expectativas com relação aos resultados, com relação à experiência desenvolvida, ao seu crescimento pessoal, sonhos, divergências; entretanto, como não havia um consenso de idéias, o conflito era comum. Muitas discussões foram realizadas com relação à abordagem do ensino da arte cujas referências eram de autores entre os quais: Paulo Freire (2003) e Hannah Arendt (2005).

Havia uma insistência por parte da coordenação no sentido de considerar que sob os efeitos da indústria cultural, a arte corre o risco de perder três das suas características principais: de expressivas, tornarem-se reprodutivas e repetitivas; de trabalho da criação, tornarem-se eventos para o consumo; de experimentação do novo, tornarem-se consagração do consagrado pela moda e pelo consumo (CHAUI, 2006). Pensar a educação a partir do par experiência/sentido, a experiência é o que nos passa, o que nos toca, que nos acontece, a experiência é irrepetível (BONDIA, 2002). Vários textos foram discutidos ao longo dos quatro anos do projeto, mas isso não significa que houve consenso e que todos foram sensibilizados pelas idéias, pois existiram vários motivos que contribuía para isso, como: deficiência na formação cultural e educacional dos artistas, resistência às mudanças, falta de interesse etc. Observou-se que os assuntos eram abordados insistentemente nas reuniões quinzenais com a equipe de música, mas nem todos os supervisores trabalhavam no mesmo sentido.

A seguir alguns esclarecimentos necessários para a compreensão do projeto como a interpretação da esquerda brasileira sobre cidadania cultural e o sentido que a

cultura vai recebendo no decorrer dos tempos, os quais são necessários para a melhor compreensão do processo.

A política de cidadania cultural é definida como direito dos cidadãos e como trabalho de criação. A cultura é o que permite à esquerda revelar a presença escondida do conflito de classes e se contrapor à história oficial dos estratos dominantes, graças à história de que os trabalhadores criam a partir de sua própria memória, da crônica de seus valores, lutas esperanças e tradições, reinventando o seu calendário e instituindo seus próprios símbolos e espaços (CHAUI, 2006).

No entanto, muitos dirigentes petistas acreditavam que concebiam a cultura pelo prisma daquilo que Gramsci chamou de hegemonia (conceito para designar a luta no interior da sociedade política com o objetivo de operar mudanças nas idéias, nos valores, nos comportamentos e nas práticas por meio de ações visando à consciência dos explorados e dominados), daí a importância conferida à cultura. Como a luta política pela hegemonia se trava entre idéias, valores e comportamentos, as esquerdas brasileiras tendem a interpretar a posição gramsciana como luta política que usa a cultura como instrumento, sem compreender que Gramsci propõe uma mudança na e da cultura, uma nova cultura, instituída pela classe trabalhadora. Nas esquerdas brasileiras, a luta pela hegemonia transformou-se em atuação pedagógica (ensinar a verdade às massas), propaganda (convencer as massas) e produção do sentimento identificador (consciência de classe autêntica e correta). Entre outras consequências isto levou a chamar de “cultura popular” a maneira como as classes populares incorporam em seu universo próprio as belas-artes burguesas, em vez de à maneira gramsciana, aprender os processos pelos quais uma cultura popular é produzida nas lutas sociais e políticas.

Quanto às comunidades de bairro atingidas, apresentavam uma grande diversidade com características e demandas próprias, havendo necessidade de pesquisa sobre esses diferentes contextos e potencialidades. Além disso, o projeto sofreu graves limitações de recursos financeiros e algumas interferências no sentido de incorporação de comissionados e outros educadores que já haviam trabalhado em projetos anteriores. O projeto teve início com uma equipe de 30 artistas-educadores para o desenvolvimento das linguagens artísticas, com quatro supervisores de área (artes plásticas, dança, música e teatro), para auxiliar na concretização geral do trabalho e no suporte pedagógico; duas encarregadas das EMIAS e um coordenador geral, subordinados a gerência de formação cultural. Terminou em 2008 com 13 artistas-educadores, três supervisores de área (extinto o cargo de supervisor de artes-plásticas), uma encarregada

e o coordenador geral. Mesmo assim, o projeto ainda preservou (através de seus coordenadores e equipe) o objetivo principal de desenvolver a cidadania cultural, cultura como direito aos cidadãos e como trabalho de criação dos sujeitos culturais.

O testemunho de Chauí na direção da Secretaria Municipal de Cultura de SP revela o difícil caminho de lidar com o aprendizado das tarefas burocráticas e administrativas, da convivência com o clientelismo, corporativismo, a constante auto-avaliação, frustrações, alegrias etc.

A implantação do projeto no primeiro ano foi desafiadora pela novidade do evento e pelos espaços onde seriam desenvolvidas as oficinas. A equipe de trabalho da área de música já estava definida, a supervisão encontrou o quadro pronto sem possibilidades de mudar qualquer profissional, as ações eram diversificadas, pois cada comunidade tinha características próprias e também as linguagens tinham suas especificidades. Os CESAS também estavam sujeitos aos interesses e motivações das respectivas coordenações. Pode-se dizer que o primeiro ano (2005) foi de exploração do campo de trabalho. Os supervisores tinham liberdade para desenvolver os trabalhos conforme cada equipe ia implantando suas oficinas. Houve trajetórias muito diversas e na área de música iniciou-se um processo de conhecimento e exploração da comunidade, seus anseios, cotidiano, para que houvesse comunicação e troca de experiências.

Uma série de relatos importantes para os passos seguintes foram feitos pelos alunos e gravados em vídeo. Em 2006 em função de problemas em articular e unir os CESAS e os artistas-educadores, a área de música optou em trabalhar um tema gerador: “Memórias da cidade” buscando conhecer melhor a comunidade, pesquisar entre os alunos suas memórias de infância, brincadeiras e canções que representassem e fossem significativas para eles. Observou-se um envolvimento muito grande da equipe e dos alunos, um resgate bastante rico de canções e brincadeiras, além de depoimentos interessantes e até mesmo de criação de textos, revelando o imaginário da comunidade, seus sentimentos, manifestação do ser poético oculto de cada um, seu olhar, desejo de construir idéias, sonhar e fazer arte.

“Nasci no dia 4 de setembro de 1942 no sertão do Estado do Mato Grosso, próximo à cidade de Alcantilado. Perto do Rio das Garças, meu pai construiu um grande rancho e cobriu com palhas da Palmeira Buriti. Aos três anos de idade meu pai já me levava para o rio onde garimpava, isto é: passava o dia inteiro lavando cascalho com sua bateia à procura de pedras preciosas. Enquanto trabalhava eu ficava rolando

nos montes de areia que margeavam o rio. Meu pai costumava cantar e eu gostava muito de ouvi-lo, pois além de cantar muitas canções ele tinha uma linda voz...”
(Rosália)

“Eu adorava bexigas, tinha até mania de bexigas. Brincar de bexiga, viajar no mundo da fantasia. Ai se eu pudesse pegar um balão que fosse para onde eu queria... achei engraçado minha mãe contar que ela, os irmãos e os primos foram numa casa abandonada, acharam uma cama velha e fizeram uma jardineira. Viajei na jardineira, percorri o mundo, mergulhei fundo dentro de mim. Meu coração sentiu saudades do tempo de criança...” (Marília)

“Nasci numa zona rural de uma cidade do interior de Pernambuco e foi lá que passei esses momentos mágicos. Bola de meia, burrico, pião, forma alguns dos brinquedos que me acompanharam. Mas eu gostava mesmo era de brincar no rio. Na areia branca fazia túneis e castelos, todas as tarde, enquanto pastorava o gado do meu avô...” (Durval)

“Eu sou a Fernanda, tenho onze anos e eu descobri a flauta pela minha amiga Dayane. Eu gosto muito de fazer ginástica. E eu nunca me arrependi de fazer aula de flauta. Obs.: Eu sou uma menina muito sozinha. Eu sou muito comilona e nervosa, eu também esqueci de falar que moro com meus pais, só que eles não me dão muita atenção” (Fernanda)

Este resgate proporcionou possibilidades de trocas, não só como fonte de prazer, mas também de conhecimento. Cada um levou para dentro de si, um pouquinho do outro, resultando na ampliação de um espaço afetivo, estimulando o lado criativo dos alunos os quais compartilharam em um livrinho reproduzido em xérox, de acordo com os recursos que foram disponibilizados.

“... continuando na trajetória da minha vida aconteceram três grandes maravilhas que são as minhas filhas: elas são a minha razão em tudo e agora também a razão de eu estar fazendo aula de violão; quero tocar pra elas e elas me apóiam, e sempre quando aprendo uma música, elas me ajudam e participam. Nesse projeto houve uma dinâmica na qual teríamos que trazer um objeto especial e falar sobre ele, eu trouxe um colar de estrelas com um pingente de coração; elas fizeram para mim, enchem minha vida de alegria. Temos uma historia que não tem final, pois ainda temos muito para compartilhar, juntar e esse conhecimento vem para preencher ainda mais nossas vidas”. (Patricia)

“Parece um sonho, poder depois de tantos anos, relembrar um passado bem

distante, com esta oportunidade fazer voltar o tempo. Em 1963, eu tinha precisamente sete anos, assim como todas as crianças da minha época, eu brincava bastante, tive uma infância maravilhosa e ao ver papai Dorival e vovô Ernesto tocarem violão eu vibrava de emoção, e queria de todo jeito tocar também... Assim como meu avô hoje incentivo meu neto, tocando e cantando a ele a modinha do vovô”. (Ademilde)

Um evento denominado “Pandemia” (exposição de trabalhos e apresentações de todas as linguagens) foi realizado no Parque com a participação de grande número de alunos, em apresentações de suas respectivas linguagens. Esta intervenção no Parque foi importante, pois o trabalho como um todo pode ser conhecido pelo público da comunidade.

“Sou uma pessoa feliz. Tive uma infância de boas recordações, nasci em uma fazenda no interior da Bahia, tudo naquela época era difícil, mas a alegria nos contagiava, brincávamos de roda à noite, sobre a luz do luar, pois não tinha energia, era o candeeiro, a música pelo rádio e ouvindo as histórias das pessoas de mais idade, inclusive meu avô...” (Marineide).

Em 2007, foi mantida a idéia do tema gerador, explorando a diversidade da origem dos alunos, nomeado como: “Migrações”. Trabalhou-se a idéia de migrações como berço de inovações e transformações, como aprendizado de convivência e respeito à diversidade, como cada elemento novo trazido pelo migrante como fonte de enriquecimento recíproco na construção da cultura, no diálogo intercultural, pode-se repensar o mundo com base na cidadania universal e na solidariedade. Também reflexões sobre a identidade e resistência cultural foram apontadas nos relatos dos alunos. Arendt (2004: p.528) *“não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros: ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma”*.

“Minha história na música. Lembro-me que até os sete anos, quando fui para a escola, não falava a língua portuguesa, pois sou nissei, meu convívio era com pessoas da raça japonesa, mas brincava de roda com as cantigas em japonês. Reunia as primas, primos, irmãos... até minha tia, e já adorava cantar e me lembro vagamente até hoje as musiquinhas. Na escola fui aprendendo a língua portuguesa, a falar, a cantar, antigamente (há mais de 50 anos atrás), antes de entrarmos na sala de aula cantávamos o Hino Nacional e o Hino de Santo André. Também se aprendia conforme o dia, por exemplo: Dia do Índio, Dia do Folclore, Festas Juninas, Natal, nós cantávamos até aprender...” (Maria)

O tema foi desenvolvido nas oficinas culturais, através de pesquisa do repertório de cada região dos alunos pelos educadores e relatos de origem. Os textos foram registrados em cópias xérox e todos os participantes receberam um exemplar. Os alunos realizaram um cortejo na principal rua de comércio da cidade (Cel. Oliveira Lima), envolvendo outras linguagens artísticas como artes plásticas para confecção de figurino pelos alunos, dança para fazer coreografias, artistas da cidade (Grupo Tambores de Gaia, Rose Calixto) para “puxarem” o cortejo.

Este cortejo indicava uma conscientização sobre a importância do projeto junto a população, uma maneira de aumentar a visibilidade e chamar a atenção para o que estava acontecendo na cidade em termos de produção cultural.

“... sobre a dinâmica com o grupo, eu achei muito interessante porque tanto eu quanto os outros alunos nos soltamos mais e nos aproximamos também uns dos outros... as aulas, que eu espero que não acabem, pois é um momento que eu me desligo do mundo e me concentro em uma das coisas que mais gosto e que tem me feito muito bem. Mudou minha rotina e me deu grande um prazer”. (Rosana)

“... Para mim é muito importante estar aqui. Cantar... se todos soubessem a importância dos exercícios que a prô passa, tínhamos muito mais coralistas. Gosto das pessoas e da prô, sinto que somos como irmãos...” (Neusa)

“... Depois mais uma vez falamos um pouco de nós, onde tínhamos nascido, de nossas família, e no final cada um tinha que pegar um objeto de outra pessoa, eu peguei uma ovelhinha que foi o que mais me chamou atenção. Essa “dinâmica” que a professora passou pra gente foi boa porque deu pra ver que eu sou um pouco materialista, pois tinha tanto objeto em casa que eu não usava e não iria usar, mas estava com dó de abandoná-lo, acabei levando uma agenda que nunca foi usada, do ano 2004 se eu não me engano, quem pegou foi o Felipe... Ah! Diga Não à Coca-cola e ao McDonald’s. Abaixo o governo Bush, Salve o nosso Brasil. “Prefiro morrer de pé a viver sempre ajoelhado” Ernesto Che Guevara (Francisco).

Em 2008 todas as linguagens artísticas do projeto Emiacidade se uniram em torno de um mote central “O Turista Aprendiz” de Mario de Andrade, cada área desenvolveu de forma diferente o tema. Na área de música partiu-se em busca da criação e produção dos compositores locais, como força capaz de mudar o olhar e o entendimento sobre a cultura e identidade da região. As Escolas Livres Municipais: de Teatro, Dança, Literatura e Cinema e Vídeo interagiam na troca de processos com o projeto Emiacidade, oferecendo espaço e também participando com atividades e das

atividades desenvolvidas.

O projeto ganhou força com o maior envolvimento e comprometimento de todos os participantes. Um nome foi criado para a finalização dos trabalhos “LADO ABC”, que se transformou numa marca, representativa da identidade do grupo, espaço, diversidade de olhares sobre a música (rap, samba, rock, MPB, jazz, música instrumental etc.), juntos, resistindo à indústria cultural, pode-se considerar um exemplo de solidariedade e cidadania cultural. Daí partiu-se para a busca de alternativas sustentáveis para os artistas da região através do Conselho de Cultura, de ampliação do grupo de discussões etc. Os compositores apresentaram-se em todos os espaços dos CESAS, no Teatro Municipal e outros espaços da cidade, a proximidade com o artista desmistificou e quebrou os paradigmas da relação artista/público, tornando-se uma relação de troca, mais ética, solidária, criativa, sem idolatria. O projeto estava crescendo, ampliando a participação da cidade.

O governo municipal, durante o período de eleições, cortou verbas, e o enfoque do projeto mudou, pois havia uma preocupação muito grande em quantificar os resultados, como número de alunos, evasão, participação nas finalizações etc. Após a perda das eleições, houve uma desarticulação do projeto e dos grupos criados.

Chauí (2006) aponta que numa perspectiva democrática, as prioridades são claras: trata-se de garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios, ir além da cultura identificada com a esfera das belas-artes. Para a autora, o Estado brasileiro opera de forma antidemocrática no que se refere à gestão da cultura ao tentar colocar toda a criação cultural sob seu controle e generalizá-la em âmbito nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Emiacidade revelou como as pessoas constroem maneiras de falar e agir; como expressam o ato artístico e sua experiência artística através de mecanismos poéticos e estéticos. Revelou também como assumem responsabilidade diante do seu engajamento corporal, sensorial e emocional. Emoções e prazeres são fundamentais. Há uma dialogicidade em todos os eventos construídos coletivamente, novos significados e valores são criados e recriados, continuamente. Há uma interação humana, construção de vínculos de solidariedade entre as pessoas, em contraste com a sociedade mais ampla onde impera a tirania do dinheiro e da informação, conforme afirma Santos (2008).

Os resultados mostraram que o projeto Emiacidade colaborou no processo de

humanização da cidade, no sentido do exercício da cidadania através de uma ação criativa e criadora, através do pensar, do querer, de produzir cultura, de resgatar sua memória, no sentido de agir coletivamente, da vontade de mudar.

Os alunos pertencem às classes populares, (pesquisa realizada junto aos alunos-2007), alguns analfabetos, a maioria com instrução fundamental e alguns com instrução secundária; predominam as mulheres, crianças e adolescentes. Todos participaram deixando suas idéias, sonhos, vontades escritas nos Diários de Bordo, às vezes com muita dificuldade. A maior participação feminina parece estar ligada a maior disponibilidade de organização de horários.

As políticas culturais desenvolvidas pelos nossos governantes ainda estão longe de atingir os objetivos propostos, principalmente porque existe uma incapacidade de assegurar as políticas independentemente de quem está no poder.

Outra conseqüência é a maneira de considerar o que é popular, pois o termo popular tem uma variedade de significados, o que mais corresponde ao senso comum, é que algo é popular porque as massas escutam, comem, compram, consomem e é também a definição de mercado, daí julgar-se que o grande número de pessoas que consomem os produtos culturais da indústria cultural são manipuláveis e vivem em permanente estado de “falsa consciência” (Hall, 2006). Traz a idéia de povo como força mínima, numa perspectiva antidemocrática. Há também a utopia de cultura popular como autêntica e íntegra, onde a classe trabalhadora não é enganada e mantém uma alternativa heróica. Essas definições não têm o poder de encampar nossas mentes, mas invadem e retrabalham as contradições internas dos sentimentos e percepções das classes dominadas (HALL, 2006). O projeto Emiacidade mostrou que as classes populares produzem cultura, não são meros consumidores. Mostrou como a cultura subalterna (não hegemônica) é construída na sua cotidianidade, nas suas condições de luta pela vida. “O homem é produto da sua própria práxis” Gramsci.

O termo popular está profundamente ligado ao termo “classe”, e ao utilizar-se o termo “cultura popular” se faz referência à cultura das classes trabalhadoras, à cultura dos oprimidos e o seu lado oposto é a cultura das classes hegemônicas, de quem decide o que pertence e o que não pertence, povo versus bloco do poder. É nesta contradição onde se organiza a cultura popular, e não no confronto de classe contra classe.

O projeto valorizou o protagonismo dos alunos no registro de suas histórias, na sua produção musical, na manifestação dos seus desejos, ampliou sentimentos de pertencimento do grupo, produziu cultura.

Houve uma valorização da identidade, onde se constrói quando as pessoas se reconhecem através do discurso. As narrativas tecem a experiência vivida, ajuda a ordená-la e dar sentido. Abrir possibilidades de modos de vida alternativos, lutar contra as ideologias e filosofias de vida do consumo, do descartável (BAUMAN, 2004).

Numa sociedade individualista e indiferente, as comunidades de alunos dos diversos CESAS, são um lugar onde se encontram laços de afeto e cooperação. Bauman (2004) discute sobre a sociabilidade contabilizada onde se admite ajudar o outro se o recebimento de algo em troca for compensador, e continua: este raciocínio contábil custo/benefício não é capaz de explicar a ampla tradição de interesse comunitário com estreitos laços emocionais voltados para o bem estar dos outros; o mais importante é ajudar e não ser beneficiado. O benefício é ter feito algo de bom para o grupo. Existe, portanto, uma ética na cooperação.

O projeto Emiacidade, trouxe uma contribuição relevante para o estudo das políticas públicas, é um exemplo de como é possível se construir a cidadania cultural, envolvimento e participação; trouxe, também, uma riqueza de expressões artísticas das pessoas envolvidas. Infelizmente, as limitações desse artigo não permitem um aprofundamento da experiência, que deve ser retomada em futuras pesquisas e publicações.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOTELHO, Isaura. **A Política Cultural e o Plano das Idéias**. Trabalho apresentado no III Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura realizado entre os dias 23 e 25 de maio de 2007 na Universidade Federal da Bahia – Salvador – BA
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CHAUÍ, Marilena, **São Paulo – uma opção radical e moderna: Democracia cultural. In Experiências de gestão cultural democrática**. Organizadores: Faria, Hamilton e Souza, Valmir. São Paulo: Revista Polis, pg. 9 a 38, no. 12, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é política cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica**. São Paulo: Celacc-ECA/USP, 2006.
- FRATESCHI, Celso e MOREIRA, Altair José. **Santo André – não esquecer o rosto e nem a partida: cultura e ação cultural em Santo André**. In Experiências de gestão cultural democrática. Organizadores: Faria, Hamilton e Souza, Valmir. São Paulo: Revista Polis, pg. 9 a 38 n. 12, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os Novos Embates da Filosofia da Práxis**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.
- SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria**. In Comunicação e cultura das minorias. Revista Comunicação, pg. 12 a 25. São Paulo: Paulus, 2005.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ANEXOS

Depoimentos escolhidos:

Diários de bordo 2006/2008

1. Autora: Gabriela- 16 anos (aluna da oficina de Rap do CESA da Vila Floresta)

A aluna deixou gravado seu processo de escrever uma letra para o rap que compunha; a história é fruto de sua imaginação, o artista-educador estava explorando a origem dos alunos e não se sabe ao certo se a história de Dulce tem alguma verdade de sua parte.

História de Dulce

-

Profissão: bóia-fria

Conceito: bonita e calma

Favela: Grajaú

Porque saiu do NE: má qualidade de vida, falta de energia e água

Como sua vida mudou: tinha água, luz (gato), mas sofria muito preconceito

Moral da história: nenhum

Dulce era de uma família pobre, morava com sua mãe, que era lavadeira e com seu pai, que era garimpeiro. Ela ajudava sua mãe com o serviço, o dinheiro dos dois mal dava para colocar comida na mesa todos os dias.

Quando Dulce completou dezesseis anos, percebeu que não podia continuar daquele jeito. Juntou um dinheirinho que conseguiu fazendo malabares no Pelourinho e na Feira de Santana e fugiu de casa deixando um bilhete para a mãe, dizendo que só voltaria quando conseguisse dar uma vida melhora eles e a ela.

Sua mãe olhando aquele bilhete, não tinha o que fazer, se conformou e sem muitas esperanças decidiu não impedi-la.

Dulce, chegando aqui, percebeu que não era toa fácil a vida em São Paulo. Acabou na rua por uns dias, até que conseguiu um emprego de faxineira numa casa de família de classe média. Conseguiu alugar um barraco no Grajaú por R\$ 120,00 com água e luz incluída.

A patroa dela percebeu que ela era de costumes muito diferentes. Então decidiu demiti-la, mas o patrão da patroa dela a contratou para ser doméstica. Ela dormia no serviço e até usava uniforme, para ela aquilo era um luxo. Um certo dia, seu patrão foi promovido e deu um jantar na sua casa. Naquela noite, Dulce trabalhava dobrado. Inesperadamente, um convidado olhou para ela e disse que ela era lindaaaaaa! Ela achou estranho, pois o cara era gay. O cara explicou que era dono de uma agência de modelos, onde ela se encaixava direitinho para o próximo desfile. Ela ficou assustada, mas aceitou rapidamente, pois afinal era um dos seus sonhos, além disso teria uma vida melhor e poderia dar a ajuda que seus pais precisavam.

E foi assim que Dulce começou a desfilhar e logo foi subindo e ficando mais famosa. Juntou muito dinheiro, conseguiu comprar uma casa no Itaim - Bibi. Trouxe seus pais aqui para São Paulo que estavam super felizes, pois saíram da miséria e muito orgulhosos de sua filha.

Dulce então havia conseguido. Saiu da miséria.

2. Rosália Rosa Burba- 67 anos (aluna de violão da EMIA Chácara Pignatari)

Nasci no dia 4 de setembro de 1942 no sertão do Estado do Mato Grosso, próximo a cidade de Alcantilado. Perto do Rio das Garças, meu pai construiu um grande rancho e cobriu com palhas de palmeira Buriti. Aos três anos de idade meu pai já me levava para o rio, onde garimpava, isto é: passava o dia inteiro lavando cascalho com sua bateia à procura de pedras preciosas. Enquanto trabalhava eu ficava rolando nos montes de areia que margeavam o rio. Meu pai costumava cantar e eu gostava muito de ouvi-lo, pois além de cantar muitas canções ele tinha uma linda voz. Eu sempre repetia uma canção e então ele saía do rio, me beijava, cheirava meus cabelos e dizia: “Hum... está cheirando pena de passarinho queimado”. Ele vendo meu interesse começou a me ensinar a cantar. Uma das músicas era assim: eu sou filho das margens do rio/São Francisco onde eu nasci/ eu sou neto das águas correntes/ cristalina, azul cor de anil. Só que ele me ensinou a cantar assim: Eu sou filha das margens do rio/Rio das Garças aonde eu nasci/ eu neta das águas correntes/ cristalina, azul cor de anil.

Eu nunca me esqueci, foi a primeira canção que eu aprendi na minha vida. Meu pai costumava me colocar em cima da mesa, após o jantar, para ouvir eu cantar e todos me aplaudiam. Então, quando comecei a frequentar o curso de violão da EMIA, pedi ao

professor Cláudio que colocasse cifra na música e quando cantei e me acompanhei ao violão, minha mãe e meus irmãos se emocionaram lembrando do meu pai, que hoje já não está entre nós. Estou muito feliz e disposta a aprender mais músicas e já me acompanho em outras canções.

3. Ademilde Aparecida Martellini da Cunha- 54 anos (aluna de violão do CESA Vila Linda)

Parece um sonho, poder depois de tantos anos, relembrar um passado bem distante, com esta oportunidade fazer voltar o tempo.

Em 1963, eu tinha precisamente 7 anos, assim como todas as crianças da minha época, eu brincava bastante, tive uma infância maravilhosa e ao ver papai Dorival e Vovô Ernesto tocarem violão, eu vibrava de emoção, e queria de todo jeito tocar também. Minha vontade de aprender foi tão grande que acabei aprendendo sozinha.

O vovô neste tempo, gostava muito de estar em minha casa, que na época, parecia um sítio. Cheia de pássaros, galinhas, pomar, e muitas pessoas, porque papai ao lado de minha casa tinha uma oficina mecânica e eu ajudava meu pai, e nas horas vagas tocava violão.

E o vovô Ernesto cantava uma modinha que dizia ter vindo da Itália.

De tanto que ele tocava e cantava, eu acabei aprendendo:

Italiano quando veio da Itália

Todo sujo, enebado

Gritando queijo podre

La no largo do mercado

Foi fiscal que me encontrou

Sem licença no bolso

Foi preso logo logo

Foi parar no calabouço

Quando estava na cadeia

Escrevia aos companheiros

Que viessem para o Brasil

Que era a terra do dinheiro

Quando estava La na Itália

Comia macarrão

Agora no Brasil

Carne seca com feijão

Saudades mil vovô, saudades

Ai o tempo passou, e vovô partiu. Em 1977, alias, diga-se de passagem, um mês após a sua morte, nasceu meu primeiro filho, e hoje estou aqui, sua neta, tendo essa lembrança de um bom passado.

Assim como meu avô, hoje também incentivo meu neto, tocando e cantando a ele a modinha do vovô.

4. Marineide Silva Barreto- 50 anos (aluna de canto-coral do CESA Vila Linda)

Sou uma pessoa feliz. Tive uma infância de boas recordações, nasci em uma fazenda no interior da Bahia, tudo naquela época era difícil, mas a alegria nos contagiava, brincávamos de roda à noite, sobre a luz do luar, pois não tinha energia, era o candeeiro, a musica pelo radio e ouvindo as historias das pessoas de mais idade., inclusive meu avô. Só que este caso foi verdade.

Meu avô, sempre depois do almoço, tirava um cochilo, e quando acordava, sempre tinha alguma coisa pra falar. Quando ele foi trabalhar na roça com seu irmão Sergio, tinha muitos índios, então eles levavam fumo, e deixavam no toco de madeira para os índios não “flexarem” eles. Certo dia, veio uma onça e atacou a mão dele, e ele gritou: Sergio! Vem rápido! Sergio veio com um facão e bateu na cabeça da onça, neste momento ela deixou a mão do meu avô, ele ficou com o dedo torto. O nome de meu avô é Cirilo.

Eu já trabalhei na roça com meu pai plantando feijão, milho. Só que eu não gostava de ir cedo, pois os capins tinham muito orvalho. Depois ficava correndo. Tinha um jegue, fui montada sem sela, quando estava voltando, o jegue correu um pouco no córrego, que estava seco. Na subida eu cai no barranco, fiquei sem fala, querendo pedir água. Não tinha água. Meus irmãos ficaram desesperados.

Eu me divertia montando cavalos... prendia os bezerros para tirar leite... andava um quilometro para ir à escola, e me lembro que voltava da escola, apareceu um fazendeiro

vizinho com um jipe. As estradas tinham muita lama durante as chuvas. Ele me deu uma carona, na subida da ladeira o jipe atolou, nós fomos ajudar a empurrar o jipe, ele acelerou o motor e jogou lama em todos nós. Até hoje eu sou apaixonada por jipe e rural, foram os dois primeiros carros que conheci

Quero falar algumas musicas que cantavam naquele tempo:

Sou mineiro de Minas

Mineiro de Mina Gerais

Sou carioca da gema

Carioca da gema do ovo

Rebola bola eu também sei rebolar

O trem de ferro quando sai de Pernambuco

Vem fazendo buço buço até chegar no Ceará

O pai da moça, o pai da filha

Eu também sou da família

Chora bananeira

Bananeira chora chora

Bananeira porque eu já to indo embora

O anel que tu me deste era vidro e se quebrou

O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou

“que pena que eu tenho que parar”

5. Maria de Lourdes Macedo Silva- adulto (aluna de Canto coral do CESA Vila Linda)

Na minha vida, passei por esta cidade: Cristais. Flor, cafeeira, com perfume de saudade, branquinha.... um branco tão lindo que no peito chora. Papai tocava bandolim, mamãe cantava e nós brincávamos debaixo do pé de jatobá. De dois em dois anos, um filho nascia, Somos 13 irmãos.

A beira de um fogão de lenha, mamãe nos alimentava, papai chegava contente e historias contava, uma mais feia do que a outra: lobisomem, mula sem cabeça e outras mais, com medo nós ficávamos, mamãe trazia o pão quentinho que no forno de barro fizera, chá de limão acompanhava. Eu era muito carente, gostava do colo de papai, o colo era meu. O carro de boi chiava, chiava, não tínhamos nada. As lagartas, as folhas

secas, as pedras meus pés machucavam e eu chorava, papai no colo pegava dois de cada vez, feliz eu ficava, minhas pernas não doíam, meus pés não machucavam.

Quem deixa teu horizonte, leva tua nostalgia, meus pensamentos ao Léo, minha tristeza a chorar, o branco das flores a perfumar.

6. Maria Neusa Hirayama Torres- adulto (aluna de canto coral da EMIA Chácara Pignatari)

Minha história na música.

Lembro-me que até os sete anos, quando eu fui para a escola, não falava a língua portuguesa, pois sou nissei, meu convívio era com as famílias de raça japonesa, mas brincava de roda com as cantigas em japonês. Reunia as primas, primos, irmãos... até minha tia, e já adorava cantar e me lembro vagamente até hoje as musiquinhas.

Na escola fui aprendendo a língua portuguesa, a falar a cantar, antigamente (há mais de 50 anos atrás) antes de entrarmos para a sala de aula, cantávamos o hino Nacional e o Hino de Santo André. Também se aprendia conforme o dia, por exemplo: Dia do Índio, Dia do Folclore, Festas Juninas, Natal, nós cantávamos até aprender.

Entrei para o orfeão, não se chamava coral como hoje e sim orfeão. Tinha uma professora – na época Da. Ivani – tocava acordeão, aprendi musicas muito lindas como: Fiz a Cama na Varanda, O Cravo brigou com a rosa, Se essa rua fosse minha, Capelinha de melão, Chapeuzinho vermelho (pela estrada afora, eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha, ela mora longe, o caminho é deserto e o lobo mau passeia aqui por perto. Ma a atadinha, o sol poente, levar esses doces para a vovozinha, nhan, nhan, nhan...) Pé de manacá, cantiga de roda, lencinho na mão e muitas outras que até hoje nunca esqueci.

Estou hoje lembrando que passei a ensinar essas canções para as minhas duas filhas e sobrinhas, e até na catequese da Igreja.

Lembro com muito carinho e respeito destas lembranças. Hoje aprendi um pouco de tudo de quando eu era criança, revivi os momentos da escola aqui no coral e na aula de violão.

Quero falar um pouco também, que depois dos filhos crescidos, precisava dedicar algo ao meu sonho de aprender um pouco de instrumento. Fui na escola aprender um pouco de órgão, na época (três anos atrás) na Fundação das Artes, não continuei porque não tinha condições, mas pretendo me dedicar mais um pouco. Canto na Igreja.

7. Lurdes Moraes- adulto (aluna de canto coral do CESA Jardim Santo Alberto)

Este é um fato que nunca esqueço: quando criança, eu tinha só dois vestidos, tirava um e lavava o outro. Quantas vezes eu colocava o vestido molhado para ir à matine, e o vestido ia secando em meu corpo, mas tudo isso passou, são fases da vida. Lembro pequena, minha mãezinha cantava para eu dormir.... assim:

Dorme neném que a cuca vem pegar

Mamãe foi na roça e papai no cafezal...

E esta mesma musica eu cantei para meus três bebês. Ser mãe é isto: sempre estar cansada e ter sempre o que fazer. Se vivermos bem o dia de hoje, ontem será uma doce lembrança e o amanhã será cheio de esperança. Agradeço a Deus por todos os dias, hoje e sempre.

8. Rosana Herrera da Silva- 37 anos (aluna de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Me chamo Rosana, tenho 37 anos, nascida em Santo André – SP. Meus pais são do interior de São Paulo com descendência italiana, espanhola e portuguesa. Vieram de família humilde. Chegaram em Santo André na década de 60. Sou casada há 13 anos com Antonio José que tem 42 anos e nasceu em Pernambuco, ele é químico. Tenho dois filhos: Vinicius com 12 anos nascido em São Bernardo do Campo e Naiara com 4 anos, nascida Mem Aracajú- SE

Em 2001, fomos morar em Estância – SE. Ficamos por lá mais ou menos 4 anos. Desde 1998, trabalhava no SESI/Mercedes Benz e sai para ir embora para Sergipe e desde essa data nunca mais trabalhei em nenhuma empresa. Em 2006, tivemos uma pequena loja de cosméticos (mas não deu certo) e foi onde eu trabalhei, depois disso, não trabalhei mais fora.

Não faz muito tempo que descobri que no CESA havia muitas atividades gratuitas para a comunidade, mas quando fiquei sabendo fui atrás e comecei a usufruir desses benefícios.

A música sempre teve presença marcante na minha vida. Desde criança, gostava muito de ouvir musicas e curti muito mais a musica que a TV. Gosto de todos os

estilos de musica, mas gosto muito do samba (raiz) e de Pop Rock Nacional, alguns interpretes internacionais também. Na minha adolescência curti Raul Seixas, hoje já não tanto, mas continuo achando que a te hoje não apareceu nenhum outro cantor e compositor com mais criatividade, irreverência e inteligência do que ele.

Também foi na minha adolescência (mais ou menos 12 anos), que tive o primeiro contato com o violão, com a professora Márcia, que, que também era bem jovem. Aprendi sim alguma coisa que me esta sendo útil agora nessa minha volta às aulas de violão. Admiro demais um tocador de violão de violão, acho magnífico... e tenho muita vontade de um dia poder tocar como um deles.

A diferença da aula particular que eu tive, para a do CESA, é que somente eu era a aluna, e aqui somos uma turma (o que é muito bom), pois passamos a conhecer mais pessoas. Aqui estamos aprendendo também a parte teórica, o que não aconteceu antes. Quando eu terminar o curso aqui no CESA, pretendo continuar com a aula particular, se Deus permitir. Eu amo muito a musica.

9. Fernanda Giordi de Carvalho- 11 anos (aluna de flauta doce do CESA Vila Linda)

Bom, eu sou a Fernanda, tenho 11 anos e eu descobri a flauta pela minha amiga Dayane. Eu gosto muito de fazer ginástica. Eu nunca me arrependi de fazer aula de flauta. Obs.: eu sou uma menina muito sozinha. Eu sou muito comilona e nervosa, eu também esqueci de falar que moro com meus pais, só que eles não me dão muita atenção.

Eu não sei tocar muito bem flauta, mas gosto muito, porque errando é que se aprende. Eu estou muito ansiosa para as apresentações e, espero que tudo de certo e que nada atrapalhe nossas apresentações. Antes eu pensava que flauta era muito chata, mas agora eu sei que é a melhor aula que eu já fiz aqui no CESA

10. Sandra Regina de Godói- adulto (aluna de violão do CESA Vila Linda)

Tinha na época 7 anos de idade, fazia uma forte garoa, quando fui atropelada por uma bicicleta. O acidente foi tão grave que o ciclista morreu e eu fiquei desacordada por 48 horas no hospital.

Quando voltei, o trauma era tão grande que houve necessidade de fazer terapia por

alguns anos, era síndrome do pânico. O medo da garoa era tanto que tinha até medo dos Demônios da Garoa.

Minha mãe dizia que era bobagem, pois se tratava de um grupo musical. Mas eu não acreditava e por isso eu não saía na garoa por nada, pois tinha pavor dos Demônios da Garoa.

Até que um dia ouvindo o rádio, escutei uma música que me fez sorrir, com a maneira que os cantores falavam. Minha mãe ao ver minha alegria, disse filha escute só o nome dos cantores. Ai então, acabou-se o medo, entendi o que eram os Demônios da Garoa. A música era mais ou menos assim: O Arnesto nos convidou, prum samba ele mora no Brás, nós fumo e não encontremo ninguém.....

11. Marília- adulto (aluna de canto coral da EMIA Aron Feldman)

Lembro-me que comecei brincando de médico com minha amiga Claudia “brincar de médico cura boneca/ descansa e tira soneca”. Eu adorava bexigas, tinha até mania de bexiga. Brincar de bexiga, viajar no mundo da fantasia. Ai se eu pudesse pegar um balão que fosse para onde eu queria. Adorava fazer bolinha de sabão. Até hoje eu tenho vontade de fazer bolinha de sabão. Enche o meu coração de alegria para o novo dia. Na escola eu brincava de batata-quente, qual é a música? Mamãe Polenta. Brincava de mês, brincava de roda, de ciranda, do cravo e a rosa. Tem vestidinho branco da borboleta na cozinha. É a ciranda da casinha.

Eu adorava aquelas bonecas de papel, de trocar roupinhas. Minha mãe falava que no tempo dela, brincava de sabugo. Uma vez fui com a minha tia na feira da fraternidade e me encantei com as bonecas de pano. Minha tia disse que não podia ver porque tinha trauma de só ter tido boneca de pano.

Brincava de escolinha com a minha prima e até brigávamos. Briga na brincadeira, só dá coceira; briga de inveja; troca de boneca, brincadeira, eu brigava também com a minha prima para estourar aquelas bolinhas que se chama mata-piolho, mata-vontade. Dá gosto da vida. Me trás saudades do tempo de criança e vai renovar a minha esperança de encontrar meus amigos e voltar ao tempo sem vento. Achei engraçado a minha mãe contar que ela, os irmãos e os primos foram numa casa abandonada, acharam uma cama velha e fizeram uma jardineira (que hoje chamamos de ônibus). Viajei na jardineira, percorri o mundo, mergulhei fundo, dentro de mim. Meu coração sentiu saudades do tempo de criança. Será que existe uma jardineira que viaje no

tempo? Quando eu fazia ludo terapia criei uma cidade submarina. Os panos eram tubarões. As bonecas sereias. Hoje meu namorado me chama de sereia. Eu era boneca, entrei no mar e virei sereia do meu amor.

12. Beatriz- 11 anos (aluna de canto-coral do CESA Vila Sá)

Estou no coral desde o começo do ano passado, mas neste ano a professora dá vários exercícios antes de cantarmos. Este ano o tema é sobre o Turista Aprendiz que é para nós conhecermos melhor o que tem na nossa região e assim poderemos apreciar e divulgar o que temos.

No dia 22 de junho de 2008, fomos conhecer os treze compositores que vieram se apresentar no Parque Jaçatuba. Vários abraços de Bia.

13. Francisco- 24 anos (aluno de violão do CESA Vila Linda)

Bem, o assunto que comentávamos na sala sobre compositores da nossa cidade e lugares interessantes de se freqüentar em Santo André, me leva a refletir que muitas vezes nós desprezamos o que temos em nossa região. Esse debate na sala abriu nossos olhos, pois temos CESAS, parques, teatros, SESC, todos esses lugares ao nosso alcance, mas deixamos de lado, dando mais valor ao que a mídia nos oferece e impõe.

Podemos citar aqui alguns exemplos dessa oferta fútil da mídia, como marcas de roupas famosas, países realmente bonitos, musicas, cantores estrangeiros, que fazem mais sucesso em nosso país do que mesmo nossos próprios músicos e compositores brasileiros, infelizmente esquecemos de tudo de bom que temos em nossa nação e em nossa cidade dando valor a tudo que vem de fora, aos poucos desprezamos nossa própria identidade e nossas raízes culturais.

Pro tudo que já mencionei acredito que primeiro devemos conhecer a nossa casa, valorizar o que a cidade nos oferece: parques, teatros, todos esses lugares que já cite em Santo André, espaços esses que estão bem ao nosso alcance, basta querermos e dar valor.

Assim acredito que na nossa cidade existem muitos lugares e pessoas de ótima qualidade. Eu particularmente apresento a vocês um excelente compositor e cantor, o nome dele é Arnaldo Tifú, mais conhecido como Tifú. Ele é um raper, mora em

Santo André há 23 anos e também trabalha como artista educador. Ele está neste ramo da musica há 11 anos. Começou com o grupo Canto B, onde cantava junto com Tiago Improviso e o DJ Spaik. Participamos de uma coletânea (Fabrica da Vida), organizada pelo cantor de rap GOG.

Hoje ele segue carreira solo. Em 2007, foi convidado para participar de outra coletânea (Pau-de-dar-em-doido), junto com outros cantores, alguns também de Santo André. E não para por ai, em 2009 está chegando o seu novo disco (A rima não para). Tifú tem um estilo de musica diferente, ele tem um dom de retratar nosso dia-a-dia em seus poemas musicais, por isso vale a pena conferir, fica ai a dica.

Sem esquecer de um importante detalhe: Coca-cola e Mc Donald's: nunca, jamais!!!
Bush e seus aliados: fora!

Sou mais meu verde-amarelo, amo meu Brasil.

“Se você treme de indignação perante uma injustiça no mundo, então somos companheiros” Ernesto “Che” Guevara

14. Vicente- adulto (aluno de violão do CESA Vila Linda)

Moro em Santo André no bairro Clube de Campo cerca de 9 anos, embora já freqüente a cidade há mais de 15 anos.

Gosto das artes, mas tenho uma queda especial pela musica, fato que me levou à escola de violão no Vila Linda.

Não acompanho este ou aquele artista. Gosto de “coisa boa”, que me agrada.

Conheço alguns locais na cidade e no ABCD, só não estive no Municipal de São Caetano, nos demais, já assisti vários espetáculos de musica, teatro, dança, etc.

Uma grande sacada da Prefeitura de Santo André, foi a construção do Parque Central, local onde costumo freqüentar com amigos. Lá vi grandes músicos tocando, inclusive internacionais, Magie Slin, por exemplo. Nessas e outras descobri alguns músicos da cidade, Vasco Faé, que participa de vários encontros no ABC, com artistas renomados como Andreas Kisser e Andre Cristovam, e outros menos conhecidos como Ivan Marcio, um grande gaitista. Divina Trupe, Montanha, Epaminondas, K-Ran-K, são alguns grupos que se apresentam por ai, São Paulo também, porem não sei dizer se já gravaram algum disco. Kleber Albuquerque, hoje também já é considerado um ícone

da MPB, infelizmente ainda não o vi tocar e cantar.

Tenho certeza que outros grandes circulam por nossa cidade, digo, artistas daqui. Espero conhecê-los e apreciá-los. E é exatamente neste ponto que me considero um turista aprendiz, isto é, ainda tenho muito que aprender.

Espero que eventos e locais como os festivais em Paranapiacaba, Quartas Musicais (Musica em Movimento) no teatro Municipal, encontros na Casa da Palavra, cursos e oficinas nos CESAS e no Parque da Juventude, entre outros, sejam mais comuns a todos. Que permitam a aproximação da cultura aos turistas, sejam eles da cidade ou não.

15. Paola- 8 anos (oficina de flauta doce do CESA Vila Linda)

Eu estou gostando muito da aula de flauta e estou achando muito interessante porque eu nunca tinha visto alguém tocando flauta e agora eu sei tocar e até ensinar alguém a tocar. Eu estou gostando de trabalhar com os compositores porque estou aprendendo músicas que eu não conhecia e tem muito mais, mas se eu contar vai demorar muito e não vai caber tudo, obrigada.

16. Adenilva – adulto (oficina de violão do CESA Vila Floresta)

Eu acho que esse projeto é um incentivo para os alunos novos aprenderem mais com os compositores. O projeto Emiacidade, dá aulas de graça, aprendizagem de violão, flauta, canto, e todos os instrumentos musicais são ótimos para as pessoas aprenderem muito mais. Incentivam o povo a terem emoções, alegria, projeto de vida, mais alegres e se sentirem mais fortes e confiantes na própria capacidade de cada um.

17. Karolyne- 15 anos (oficina de violão do CESA Vila Floresta)

Eu acho que este projeto é muito bom para os alunos que tem interesse em violão verem como é saber tocar, compor musicas. Eu acho também, que ajuda a ter mais interesse no curso e querer aprender mais, ele serve também para tirar a vergonha desde cedo como é o meu caso. E me dá muito prazer conhecer pessoas tão talentosas que participam e nos incentivam a treinar mais. O projeto Emiacidade é muito bom porque ele ensina várias coisas: flauta, violão, coral, etc. Eu acho que ele é bom porque ensina além de aprender a tocar instrumentos, ensina também um pouco sobre a cultura e sobre

as pessoas que são famosas, talentosas que chamamos de compositores.

18. Vicente- adulto (oficina de violão do CESA Vila Floresta)

Sempre me pareceu importante para a cidade de Santo André, a música, dança, artes; todas as artes de modo geral deveriam acompanhar as pessoas do início de suas vidas até o fim. O projeto nos proporciona alguns resgates, por exemplo, um pouco de cultura musical do nordeste como ocorreu no ano de 2007. Portanto, deveria ser a cada dia mais e mais fortalecido. As oficinas deveriam se tornar cursos e a partir daí vários cursos numa grande escola de arte-educação.

O tema Turista Aprendiz no Emiacidade 2008 foi muito bom, iniciativa espetacular. Estamos iniciando os contatos com os compositores/cantores de Santo André. Espero aprender muito com esta proposta e espero que possamos corresponder com as expectativas tanto dos idealizadores quanto dos artistas.

19. Gabriel- 10 anos (oficina de violão do CESA Parque Erasmo)

Muito bom, pois nós pudemos conhecer músicos de onde vivemos, se não tivesse, nós não os conheceríamos, e aprendemos muito. Também aprendemos mais musicas de artistas tão próximos de nós.

20. Nayara- adulto (oficina de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Eu adoro fazer parte desse projeto pois já tinha pagado muitos professores em escolas particulares e nunca aprendi tanto como estou aprendendo nas aulas de violão. E no projeto com os compositores, foi muito especial pois tivemos a oportunidade de conhecer e aprender com os compositores e mais ainda, nos apresentarmos para eles.

O Projeto Emiacidade já se tornou parte da vida das pessoas que dele participam. Se por acaso um dia esse projeto acabar, provavelmente acabaria todo o incentivo que os alunos tem, pois muitos alunos não podem pagar aulas particulares e acabariam todos os sonhos que os alunos tem. Se esse sonho acaba, a oportunidade e os sonhos acabariam. Mas tenho certeza que isso não irá acontecer, pois as pessoas não podem ter tanta coragem de acabar um projeto tão maravilhoso como esse que envolve tantas partes da arte e que faz tão bem a tantas pessoas e aumenta esses sonhos.

21. Matheus- adolescente (aluno de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Eu gosto do projeto EMIA porque eu não tinha contato com a música e principalmente com os compositores de Santo André, e isso me importa, e ninguém irá tirar isso porque muitas pessoas não tem dinheiro para pagar esse curso, e se acontecer isso vai tirar o sonho de muitas pessoas.

22. Renata- adolescente (aluno de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Eu acho legal a idéia de nós alunos podermos tocar as músicas dos compositores, pois é um meio de ficarmos mais próximos deles.

Quanto ao projeto, eu adoro estar participando das aulas, pois conheço pessoas novas e me divirto muito, acho legal, interessante e divertido. Eu acho que com as músicas dos compositores a gente aprende mais, acho bom. O EMIA não poderia acabar jamais, pois faz parte da minha vida e de todos os alunos. O EMIA

É algo importante para todos, sem ele já não seria a mesma coisa o meu dia-a-dia.

23. Amanda- adulto (oficina de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Eu acho super válida essa idéia, pois interagir com os compositores da sua cidade faz com que você perceba que também tem chances, e conversar, ver o trabalho de pessoas que “vivem” disso, mostra como as coisas funcionam. E quanto aos projetos, eu acho ótimo, pois as pessoas que não tem condições financeiras para ter aulas de violão, teatro, canto, capoeira, entre tantos outros, podem ter aulas de qualidade e de maneira fácil.

24. Eloah- adulto (oficina de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Na minha opinião, trabalhar com os compositores do ABC é uma experiência diferente. A cada encontro é uma experiência, um aprendizado novo e diferente, é conhecer pessoas diferentes, eu também acho legal, não trabalhar só com os compositores, trabalhar também com outras pessoas de outros CESAS só que com a mesma especialidade (violão), e ou juntar o teatro, coral, dança, enfim, misturar sons e artes, também é uma forma de conhecer mais artes, pessoas, etc.

Se um dia tirarem esses cursos maravilhosos que incentivam ao aprendizado, não só como conhecer o violão, a dança, ou outras coisas, eu acho que também incentiva na escola, incentiva a outros tipos de aprendizado, maneira de gostar, conhecer pessoas novas, e além desses cursos, os professores, coordenadores dos CESAS, incentivam cada vez mais aprofundando os trabalhos, os professores ajudam quando há alguma dúvida, eles procuram sempre entender as dificuldades dos alunos, e também sempre inspiram os alunos para mostrar a criatividade, e também esses cursos podem ajudar no futuro de muita gente. Esses cursos dão esperanças para um futuro melhor.

25. Ingrid- adolescente (oficina de violão do CESA Parque Novo Oratório)

Eu acho esse trabalho com os compositores bem legal e diferente e não são todas as escolas que dão aulas de violão que trabalham com os alunos e os compositores. Os projetos são muito bons, esse é o meu primeiro ano aqui na aula de violão, mas está sendo bem divertido. Os projetos são muito bons, adoro muito os projetos e tudo. O professor também é muito legal, ajuda bastante. Não só das aulas de violão, mas também de teatro que eu faço de tarde. A aula de violão para mim é tudo. Adoro muito, as aulas me ajudaram bastante, eu tenho mais vergonha do público, adoro, interpreto, canto e toco violão, eu amo demais essa escola, ela me ensina muito. Agora eu sou uma pessoa melhor graças a essa escola e os professores, fora que também fiz novas amizades com os alunos, o pessoal que trabalha aqui e principalmente com os professores.

26. Mikaella – 12 anos (aluna de flauta-doce do CESA Vila Linda)

Gosto muito de fazer flauta. Sei que quase todos os alunos colocaram isso, mas eu gosto mesmo e mesmo e mesmo. Estou tocando tão bem que até meu pai comprou uma flauta transversal para mim. É muito legal ter uma professora tão legal e “ensinável”. Gosto muito dela e muito de tocar flauta, quase não falto, mas também faço muitos amigos e amigas. Queria pedir uma coisa, que ficássemos mais dias por semana, como 2 ou 3 quem sabe.

27. Nair – adulto (aluna de flauta doce do CESA Vila Linda)

Quero parabenizar a Prefeitura pelos cursos de flauta-doce, violão, canto coral, percussão, os quais proporcionam além do aprendizado, a participação das comunidades e a nossa valorização como cidadãos. Quanto ao evento “Arte na Cidade”... acredito que os compositores, instrumentistas, cantores, enfim, tudo que eu vi não perdem para os artistas já consagrados no nosso país. Espero que este projeto continue independente de quem ganhar as eleições.

28. Rafaela- 9 anos (aluna de percussão do CESA Jardim Santo André)

O que eu acho do curso de percussão. No domingo, mesmo que eu não cantei, eu achei muito legal. Eu acho muito legal, é melhor do que ficar em casa e ficar na rua. Esse projeto de percussão é muito legal, é muito importante para mim. Eu quero que esse projeto continue sempre, nesse projeto nós aprendemos muitas coisas importantes para nós.